

MULHERES NAS RUAS:

***O GRAFFITI COMO EXPRESSÃO DE
RESISTÊNCIA***

WOMEN IN THE STREETS:

GRAFFITI AS AN EXPRESSION OF RESISTANCE

MUJERES EN LAS CALLES:

EL GRAFFITI COMO EXPRESIÓN DE RESISTENCIA

Yasmin Marques dos Santos
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – yasminmarquesa@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo evidenciar as relações das mulheres grafiteiras com a cidade, explorando suas perspectivas históricas, sociais e culturais no contexto urbano. Ao utilizar o *graffiti* como uma ferramenta de expressão para contestar a realidade existente, abordar questões feministas e ressignificar o espaço, as mulheres se apropriam ativamente do ambiente urbano, tornando-se participantes ativas na sua configuração e estabelecendo conexões significativas entre si. Por meio desse processo, essas mulheres, não apenas se tornam visíveis, mas também emergem como agentes contemporâneas de resistência. Portanto, este estudo visa apresentar a relação das mulheres com o ambiente urbano, contextualizando sua participação no *graffiti* como um movimento de resistência e explorando os valores atribuídos a essa prática.

Palavras-chave:

Mulheres; *graffiti*; cidade; direito das mulheres; resistência.

ABSTRACT

This article aims to highlight the relationships of female graffiti artists with the city, exploring their historical, social, and cultural perspectives within the urban context. By using graffiti as a tool for expression to challenge the existing reality, address feminist issues, and redefine space, women actively appropriate the urban environment, becoming active participants in its configuration and establishing significant connections among themselves. Through this process, these women not only become visible but also emerge as contemporary agents of resistance. Therefore, this study aims to present the relationship of women with the urban environment, contextualizing their participation in graffiti as a resistance movement and exploring the values attributed to this practice.

Keywords:

Women; graffiti; city; women's rights; resistance.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo destacar las relaciones de las mujeres grafiteras con la ciudad, explorando sus perspectivas históricas, sociales y culturales en el contexto urbano. Al utilizar el graffiti como una herramienta de expresión para desafiar la realidad existente, abordar cuestiones feministas y ressignificar el espacio, las mujeres se apropian activamente del ambiente urbano, convirtiéndose en participantes activas en su configuración y estableciendo conexiones significativas entre sí. A través de este proceso, estas mujeres no solo se vuelven visibles, sino que también emergen como agentes contemporáneas de resistencia. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo presentar la relación de las mujeres con el ambiente urbano, contextualizando

su participación en el graffiti como un movimiento de resistencia y explorando los valores atribuidos a esta práctica.

Palabras clave:

Mujeres; graffiti; ciudad; derechos de las mujeres; resistencia.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, considerando o cenário histórico, político e cultural as mulheres perseveraram na busca por seu espaço em uma sociedade moldada por uma perspectiva colonizadora e patriarcal. Historicamente destinada a submissão aos homens, e a permanecer no lar, sua presença no espaço urbano foi desconsiderada. Diante dessa realidade, elas sempre buscaram formas de subversão e desafiar o sistema imposto, e, por meio de diversos movimentos, lutaram por seu espaço e direitos na sociedade, enfrentando desafios que persistem até os dias atuais. A participação ativa da mulher nesse cenário, que ao longo da história desprezou questões de gênero, se transforma em uma manifestação de resistência e uma reivindicação de seus direitos e a equidade nesse ambiente.

A manifestação do *graffiti* na paisagem das cidades, representa uma expressão cultural de caráter subversivo que se apropria do espaço citadino, utilizando os muros como meio de comunicação. As mulheres inseridas nesse movimento, emergem como agentes contemporâneas de resistência, presenciando o espaço urbano, apesar das inseguranças, para expressar sua arte. Através de letras e desenhos, elas evidenciam a sua existência, mas também questionam e alertam a sociedade sobre as questões de gênero e a dificuldade enfrentada pelas mulheres, não apenas na cidade, mas em toda a sociedade. Assim, ao ganharem visibilidade nos muros, suas artes tornam-se uma forma de comunicação e inspiração para outras mulheres. “Busca-se considerar essas iniciativas em espaços públicos como formas de fortalecimento e de resistência das multiplicidades de vozes, identidades e táticas contributivas para as cidades contemporâneas por mulheres, por suas próprias narrativas e presenças” (Amorim Silva, 2023, p.44).

Neste artigo, busca-se destacar a influência e a participação significativa de mulheres grafiteiras no contexto urbano, utilizando dessa forma de expressão como um ato de resistência as normas impostas pela sociedade. O propósito é apresentar ao longo da história, as lutas empreendidas pelas mulheres para conquistar seu espaço na sociedade, e o direito de vivenciar a cidade. Nesse contexto, busca-se estabelecer uma conexão com as reivindicações das mulheres envolvidas no movimento do *graffiti*, as quais utilizam a cidade como suporte para as suas expressões, apropriando-se do espaço citadino, desafiando os padrões sociais estabelecidos e manifestam-se como agentes transformadoras do espaço. Assim, também se pondera a perspectiva de valor dessa atividade no contexto urbano.

2 MULHERES NA CIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL

A cidade é um ambiente destinado a circulação e permanência das pessoas, um local de interações e trocas, onde o direito de vivenciá-la deveria ser assegurado a todos, porém a realidade contradiz essa teoria, transformando-a em um espaço que também perpetua formas de exclusão. Sendo assim, Harvey (2014), demonstra a relação entre cidade e sociedade, evidenciando que a busca e os valores humanos estão interligados a definição de cidade almejada pelo indivíduo. É visível, desde o surgimento do patriarcado, mulheres sendo classificadas como inferiores aos homens, conseqüentemente, resultando na formação de pensamentos machistas na sociedade, assim como na construção de espaços urbanos voltados para os homens.

As cidades, com o passar dos anos, foram planejadas e construídas de maneira a privilegiarem os homens dentro do espaço urbano, partindo de o estereótipo do lugar da mulher ser em casa e desconsiderando mulheres de classes baixas que saem todos os dias a trabalho, assim como relata Hayden (1984), as atitudes prevalentes em relação às mulheres no espaço público urbano levaram a estereótipos espaciais e padrões de comportamento que continuam a afetar a vida das mulheres. A mulher trabalhadora não era vista como “propriedade” de ninguém, tornando-a “propriedade” de todos os homens urbanos e potencial vítima de assédio em diversos espaços públicos.

Portanto, torna-se visível a influência do sistema capitalista na proliferação do pensamento machista, colocando as mulheres sujeitas e submissas a esse sistema. Segundo Massey (2008), o capitalismo e seu desenvolvimento moldam nossa compreensão e vivência do espaço. Essa experiência é influenciada por diversos fatores, tais como raça e gênero, que desempenham papéis significativos nesse contexto. Sendo assim, a presença desses corpos nos traçados urbanos, são submetidos a violência, proporcionando insegurança e a ausência da sensação de pertencimento a um espaço que deveria ser direito de todos.

O direito a cidade, assim como Lefebvre (1969) defende, é o direito à vida urbana, e o acesso aos elementos proporcionados por ela, como saúde, cultura, trabalho, entre outros. É importante a reflexão sobre os direitos que são proporcionados às mulheres na sociedade, visto que há diversos desafios a serem superados para alcançar a equidade. Segundo Hayden (1984), a integração da perspectiva de gênero nos governos locais, nas funções municipais e na prestação de serviços, oferece uma oportunidade para criar cidades inclusivas que respeitem os direitos humanos de mulheres e homens de todas as idades e origens. A conscientização da população e dos governos se faz necessário para a mudança de uma realidade, “entende-se que uma sociedade plural só pode ser construída mediante a prática da cidadania completa, que está fundamentada na liberdade de ir e vir, no direito de votar e ser votado, nas garantias sociais, tais como o acesso à moradia, à saúde e à educação, e em iguais oportunidades para todos os gêneros” (Freitas, 2019, p.76).

Em busca de desconstruir os padrões machistas estabelecidos, as mulheres, por muito tempo lutam por direitos e o seu espaço na vida urbana. Ainda, durante o período do caça às bruxas, Federici (2017) relata em sua obra “Calibã e a bruxa”,

que entre os anos 1580 e 1630, época de inserção do capitalismo nas relações feudais, mulheres, consideradas bruxas, desafiavam o sistema imposto pelas autoridades masculinas e a igreja, o qual “canonizavam uma mulher estereotipada, fraca do corpo e da mente e biologicamente inclinada ao mal, o que efetivamente servia para justificar o controle masculino sobre as mulheres e a nova ordem patriarcal” (Federici, 2017, p. 335).

O movimento feminista e suas ondas evidenciam a contante resistência feminina, persistente até os dias atuais. No século XIX, surgiu a primeira onda com as sufragistas, que defendiam o direito ao voto e a participação política das mulheres. Na segunda onda, no século XX, as mulheres reivindicaram o direito reprodutivo, questões da família, sexualidade e mercado de trabalho. A terceira onda, marcada pelo feminismo negro, destaca-se por revelar questões interseccionais, colocando em foco os direitos das mulheres negras, que se diferenciam das mulheres brancas, considerando o processo, histórico, social e cultural. Sendo assim, as mulheres com o passar do tempo, conquistaram e continuam a ganhar seu espaço na sociedade estabelecida, rompendo pensamentos machistas, destacando a relevância de sua presença.

As mulheres e suas pluralidades, identificam-se com maneiras diferentes de romperem os estereótipos machistas impostos pela sociedade, e assim ocuparem seus espaços, reivindicando seus direitos. A cidade integra-se na rotina de mulheres, sendo resistentes ao sistema, e têm a expressarem nesse meio. O movimento do *graffiti*, predominantemente dominado por homens, revela a resistência cotidiana das mulheres ao reivindicar seu espaço na cidade, promovendo suas expressões artísticas e desafiando estereótipos machistas, e preconceitos em relação a sua participação.

“O corpo das mulheres, sua presença no espaço de intervenção, estabelece uma possibilidade de ruptura com a invisibilidade gerada desde as práticas estéticas, ou, em qualquer caso, questiona o modo como as mulheres, nas suas especificidades, se apropriam do espaço público fazendo apelo a estratégias de autoria que transitam entre o anonimato e a invisibilidade” (Pérez Torres, 2019, p.247).

A presença feminina nas ruas não apenas encoraja outras mulheres a quebrarem paradigmas, mas também as inspira a ocuparem esses espaços. As mensagens feministas propagadas por esse meio de expressão, contribuem para conscientizar a sociedade como um todo.

“Dessa maneira, compreende-se que mulheres artistas presentes nas ruas com seus *graffitis* subvertem esquemas de previsibilidade de domínios do capitalismo e podem ser consideradas corpos emancipados que carregam potencialidades de visibilidades. Além disso, introduzem camadas em diferentes escalas, de complexidades ao debate sobre pensar as cidades, pois tensionam territórios, espaços públicos e desestabilizam caminhos passivos através de suas constituições às paisagens urbanas. Assim, as obras artísticas podem ser consideradas como presenças indissociáveis das vozes das mulheres artistas, fortalecendo direitos às cidades” (Amorim Silva, 2023, p.58).

Assim, as mulheres utilizam o *graffiti* como forma de subverter o sistema, demonstrando resistência, e utilizando-o como uma ferramenta para transformar a realidade existente.

3 GRAFFITI: CONTEXTO HISTÓRICO E A PARTICIPAÇÃO FEMININA

O movimento do *graffiti* é uma expressão artística de caráter subversivo, uma “forma de expressão autônoma e voluntária” (Valdecimples et al., 2014, p.20) sendo utilizados os muros das cidades como suporte. O surgimento desse movimento, deu-se na década de 70, com a expansão do movimento cultural do hip-hop, em Nova York, nos Estados Unidos. Jovens residentes de bairros periféricos, especialmente no Bronx, adotaram não apenas o *graffiti* como forma de expressão, mas também incorporaram outros elementos do movimento, o *Breaking* ou *Breakdance*, uma dança realizada nas ruas; os *Djs* responsáveis pela criação das batidas; os *Mcs*, que rimam sobre a batida, criando um estilo musical: o rap. A violência presente nos bairros periféricos, transformaram-se em manifestações artísticas, e batalhas entre gangs. O conhecimento, considerado o quinto elemento, é o tema central, discutido nessa manifestação artística, “apenas quando unidas essas expressões constituem o hip-hop, ao promoverem em uma articulação entre cultura e Política”. (Freire, 2018, p,27).

O movimento do *graffiti* iniciou-se com as escritas de pseudônimos criados pelos próprios jovens, inicialmente começaram a elaborar letras simples, conhecidas como *tags*, espalhando-os pela cidade, na intenção de reivindicar seu pertencimento ao espaço urbano, predominantemente controlado pela elite. Ao longo do tempo, evoluíram as técnicas e o desenho das letras, foram desenvolvidos personagens, consolidando o *graffiti*. Os sistemas de metrô se tornaram-se locais preferenciais, alcançando diversas partes da cidade.

No Brasil, o movimento do hip hop e, conseqüentemente do *graffiti*, ganha força na década de 80, em São Paulo. Influenciado pela cultura norte americana, os jovens moradores da periferia se conectaram com os diversos elementos dessa cultura, promovendo encontros de grupos no centro da cidade. O *graffiti*, ainda tendo essa mesma influencia, iniciou-se como expressão de protesto, através da pichação, e com o tempo foram assumindo novas características, com a inserção das particularidades brasileiras, improvisando a utilização dos materiais para a execução das suas artes pelas ruas.

O movimento do *graffiti* é predominante dominado por homens, porém as mulheres sempre estiveram presente no movimento e o seu número cresce cada vez mais com o passar do tempo. Os registros históricos da participação feminina no movimento são escassos, como analisado por Muner (2017), o número de mulheres documentadas em livros e registros sobre o *graffiti* é consistentemente inferior ao número de homens. No entanto, é notável que, apesar de enfrentarem os perigos evidenciados nas áreas urbanas e as imposições predominantes, elas sempre deixam sua marca. A mulher pioneira no movimento nos Estados Unidos foi Lady Pink, no Brasil Nina Pandolfo, o grupo A trinca, Ana Clara Marques, se destacam. “Neste contexto majoritariamente masculino, é a partir da virada do século que as mulheres passam a ser notadas no território urbano e o grafite feminino cresce por todas as partes da cidade”. (Muner, 2017, p.12)

É possível relacionar também, com a escassez e a falta de visibilidade de mulheres documentadas na história da arte “mesmo assim, essas artistas eram frequentemente descritas como mulheres extraordinariamente talentosas que superam as limitações do seu gênero para se tornarem bem-sucedidas” (Nami, 2020, p.47). A quantidade de mulheres, também era influenciado ao que elas eram submetidas, “não existiam grandes mulheres artistas, porque não existiam

condições sociais, políticas, culturais e intelectuais para que existissem” (Nami, 2020, p.49).

As mulheres sempre lutaram pelo seu reconhecimento na história da arte e assim lutam pelo seu reconhecimento nas ruas, elas resistem aos padrões estabelecidos pela sociedade “desde os anos 80 há mulheres ocupando as ruas com arte e que estas ocupações, no geral, possuem características diferentes das masculinas. Elas refletem um discurso político e narram algumas implicações de ser mulher em uma sociedade violenta e patriarcal” (Muner, 2017, p.4).

4 O GRAFFITI COMO EXPRESSÃO DE RESISTÊNCIA

Em um ambiente urbano concebido predominantemente para os homens, os padrões e estereótipos masculinos geram obstáculos para a participação feminina no espaço urbano. As mulheres enfrentam esses padrões e lutam constantemente para conquistar o direito do espaço e a equidade na sociedade. Sendo assim, mulheres identificam-se com diversos movimentos urbanos, que ocupam a cidade, como o movimento do *graffiti*, usando-o como meio de expressão.

O *graffiti*, vinculado ao hip-hop, constitui uma subcultura, de expressão artística periférica que proporciona a ocupação e a vivência de espaços da cidade. Embora, majoritariamente, frequentado por homens, muitas mulheres identificam e integram essa comunidade, utilizando-a como meio para expressar suas lutas e reivindicar seu lugar nesse cenário. “De acordo com histórias de afastamento das mulheres em decisões notórias nos territórios urbanos, ao estarem presentes nas ruas propondo seus grafismos, essas ações podem ser compreendidas como emancipadoras”. (Amorim Silva, 2023, p.59). Além disso, ao se apropriarem da cidade evidenciam o direito de presenciarem esse espaço, “o direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos” (Harvey, 2014, p.28).

As mulheres que realizam *graffiti*, utilizam a cidade para apropriação e manifestação das suas artes e “buscam sair da invisibilidade social” (Muner, 2017, p.9) utilizando os muros como porta-voz, neles são expressadas diversas questões de contestação social e temáticas feministas como a violência contra mulher, empoderamento feminino, a legalização do aborto e desigualdades salariais, além disso, a própria presença feminina já é uma forma de enfrentar os padrões sociais e enaltecer o seu empoderamento. “Os grafites feministas trazem em sua essência imagética questões políticas, culturais, críticas sociais e libertadoras, em uma tentativa de quebrar com a clássica imagem da mulher caseira, única e dócil” (Freitas, 2019, p.96).

Compreende-se que a presença do corpo feminino nos espaços urbanos, enfrenta desafios, tais como assédio e violência, resultantes da objetificação dos seus corpos, sendo assim “não somente se pode evidenciar a ideia da cidade como organismo vivo, mas também se advierte uma noção de um corpo sustentando uma cidade que se constrói desde o olhar do Outro, e que se

constitui, por isso, em objeto de desejo” (Pérez Torrez, 2019, p.246). As grafiteiras ao utilizarem os muros da cidade como suporte, enfrentam os desafios urbanos causados por falta da inclusão de gênero no planejamento urbano, reivindicando a sua liberdade de vivenciar o espaço, possibilitando que outras mulheres usufruam da cidade, principalmente para manifestar sua arte.

É importante ressaltar também as questões interseccionais, o *graffiti*, por possuir raiz periférica, permite que muitas mulheres negras e de classe baixa, utilizem as tintas em muros para se expressarem, “essas mulheres geram mudanças nesses espaços e só por isso já ser consideradas feministas, mas elas representam muito mais, representam uma trajetória que é invisibilizada, a história das Mulheres Negras, a qual mais do que feminista é revolucionária” (Freire, 2018, p.15). A rede NAMI, grupo de mulheres grafiteiras da periferia no Rio de Janeiro, utilizam da prática do *graffiti* para abordar questões como a violência de gênero, liberdade dos corpos, o direito do seu espaço nas ruas, e assim, juntas transformam a periferia em um museu a céu aberto, permitindo a acessibilidade de informação. É possível assim, “evidenciar a diversidade de identidades, experiências, pontos de vista e situações socioespaciais do grupo interseccional de mulheres artistas no movimento” (Amorim Silva, 2023, p.60).

As mulheres estão unindo forças com o objetivo de propagar o movimento do *graffiti* e rejeitar o modelo social imposto, em uma cidade onde a inclusão de gênero e segurança são escassas.

“Há muitas mulheres e coletivos feministas engajados em ações de empoderamento e resistência ao machismo na arte urbana. Os muros da cidade são para elas o suporte mais eficaz para propagar ideias e imagens que encorajam outras garotas a buscar uma vida mais igualitária e justa. Para tanto, questionam a hierarquia social estabelecida que ainda é arraigada de padrões do patriarcado” (Muner, 2017, p.25).

Isso se torna, portanto, um movimento de protesto e expressão cultural e político, o qual mulheres lutam por uma sociedade que valorize equidade e direito de espaço. É possível assim, “reconhecer que nessa diferença sexual existente nas formas de apropriação do espaço público é disputada uma visibilidade mais ampla que chama a atenção sobre a legitimidade da criação nos processos expressivos e suas possibilidades políticas e estéticas no contexto das cidades” (Pérez Torres, 2019, p. 258).

As mulheres grafiteiras representam, dessa forma, uma resistência significativa. Por meio do *graffiti* elas marcam a presença nas ruas, ocupam espaços, permitem-se sentir sujeitas na sociedade, expressam-se e informam sobre a luta e resistência feminina. Grafiteiras brasileira como itza, Nina Pandolfo, Panmela Castro, Mag magrela, Criola, Rafamoon e Crica Monteiro e grupos como Minas de minas, Rede NAMI, Senhoras e Todas, possuem grande destaque no cenário nacional até mesmo internacional e são grandes inspirações para outras mulheres.

Figura 1:
Graffiti do coletivo Senhoras Girls



Fonte:
Instagram de senhoras girls

Figura 2
Graffiti de Criola



Fonte:
Instagram de Criola

Figura 3:
Graffiti de Ninnex do coletivo Rede NAMI



Fonte:
Instagram de Rede NAMI

Figura 3:
Graffiti de Afolego e Kakaw do coletivo TODAS



Fonte:
Instagram do coletivo TODAS

Figura 5:
Graffiti "raiva" de Mag Magrela



Fonte:
Instagram de Mag Magrela

5 UMA REFLEXÃO: O VALOR CULTURAL E SOCIAL DO GRAFFITI FEMININO

A expressão do *graffiti*, assim como toda a cultura hip-hop, apresentam caráter sociotécnico intrínseco que visa a transformação social, sendo frequentemente caracterizados como tecnopolítica periférica. Segundo Freire (2018), a convergência entre arte e política implica em uma transformação na própria cultura política e nos modos de participação. Nesse contexto, o *graffiti* emerge como uma forma de manifestação artística contemporânea que, além do seu viés

de protestante e contestador, desempenha um papel crucial na ressignificação do espaço, promovendo interação dinâmica entre a cidade e os seus habitantes.

Para as mulheres que se identificam com o movimento e o utilizam como meio de transformação e expressão, enfrentar as adversidades proporcionadas pelo espaço urbano, frequentemente dominado por homens, é uma realidade. No entanto, elas também se destacam por desafiar a invisibilidade que historicamente enfrentam, e assim, encorajar outras mulheres a vivenciarem a cidade e se sentirem empoderadas através da comunicação da arte. Portanto, obras de arte dessas mulheres são reconhecidas como elementos fundamentais de suas expressões, contribuindo para fortalecer o direito das mulheres no espaço urbano.

Segundo Lima (2021), o espaço transcende a dimensão visual, contribuindo significativamente para a definição do que chamamos de paisagem: uma associação de elementos espaciais carregados de identidade e cultura. Assim, a presença da arte de rua no ambiente urbano, não interfere somente na paisagem, mas na sua caracterização e a comunicação com a sociedade. Nesse sentido, a presença da arte de rua no ambiente urbano não apenas influencia a aparência física, mas também sua identidade e sua conexão com a sociedade. Para as mulheres, essa identificação com a comunicação através do *graffiti* no espaço urbano é crucial para que se sintam presentes e pertencentes a ele, rompendo paradigmas e ocupando o espaço urbano.

A conscientização tanto da população quanto dos governos é fundamental para transformar a realidade, especialmente no que diz respeito à presença das mulheres nos espaços urbanos. É fundamental a construção e o planejamento de espaço mais justos e inclusivos. No entanto, é notório a falta de reconhecimento da importância da inclusão de gênero no planejamento urbano e na construção de espaços que promovam segurança e liberdade para todos. Além disso, é notável a escassez de representatividade feminina nesse cenário decisório.

Nesse sentido, o movimento feminino no *graffiti* desempenha um papel significativo na conscientização e no reconhecimento por parte das autoridades públicas. É importante que estas, incentivem a instalação de murais de *graffiti* no espaço urbano, como forma de conscientizar a população sobre a importância da presença e dos direitos das mulheres e de reafirmar que esses espaços também lhes pertencem. Isso implica em romper com os estereótipos propagados pelas publicidades espalhadas pela cidade e em estabelecer uma conexão genuína com as mulheres que frequentam esses locais, promovendo não apenas mudanças na paisagem urbana, mas também no comportamento e pensamento daqueles que a vivenciam.

É essencial considerar a valorização por parte do poder público e o reconhecimento da inclusão dessas artistas como produtoras de cultura e como agentes contemporâneas de resistência. Quando inseridas em áreas mais vulneráveis, essas mulheres não apenas transformam esses espaços com suas obras de arte, mas também desempenham um papel fundamental na disseminação da informação e no acesso à arte, especialmente nas regiões periféricas. Portanto, é necessário a implementação de políticas públicas que valorizem essas artistas e as incentivem a produzir *graffiti* nesses locais, ao

mesmo tempo em que se providenciam oficinas, eventos culturais e espaços de debate para essas comunidades. Dessa forma, pode-se criar um valor cultural e social significativo para esses espaços.

6 CONCLUSÃO

As mulheres por muitos anos têm persistido na busca pelos seus direitos em uma sociedade dominada por pensamentos machistas e patriarcais. Essa influência se estende na configuração de cidades, concebida com o mesmo pensamento, planejadas de forma a desconsiderar a inclusão de gênero. Por tanto, a luta pela equidade é uma jornada contínua, desde o surgimento das denominadas bruxas, as ondas feministas, até os dias atuais. As mulheres assim, conquistam seu espaço na sociedade, e, marcam presença em outros movimentos predominante dominado por homens, como a expressão do *graffiti* e todos os elementos do hip-hop. Nessas esferas, as discussões abrangem são não apenas os direitos relacionados a classe e raça, mas também questões de gênero.

A presença das mulheres no movimento do *graffiti* não apenas desafia os preconceitos machistas dentro do movimento, como também se reflete em sua participação na vida urbana, subvertendo os padrões capitalistas estabelecidos, demonstrando o seu empoderamento. Nas ruas, elas se tornam voz, e inserem-se na paisagem urbana expressando-se por meio de suas artes nos muros, inspirando diversas outras mulheres. Abordam várias temáticas como o assédio, a violência, o direito dos seus corpos, padrões de beleza, desigualdades salariais, o seu empoderamento e o direito de ocupar os espaços urbanos.

Sendo assim, suas artes, por estarem presentes nas ruas, são acessíveis para toda a população, contestando a dominância espacial masculina, e, emancipando a participação das mulheres nesse cenário, construindo e reconstruindo a história e a visibilidade feminina tanto nas artes quanto no espaço urbano. Integra-se, então, na formação, cultural, política e social do pensamento por meio da expressão artística de rua. Dessa maneira, essas mulheres, não apenas se tornam visíveis, mas também emergem como agentes contemporâneas de resistência.

Portanto, surge a reflexão sobre a importância de as autoridades reconhecerem e apoiarem tanto a expressão artística quanto as artistas mulheres, enxergando-as como meio de identificar e abordar os problemas sociais existentes. Ao valorizar tais iniciativas, não só se promove a cultura e a disseminação de informações na sociedade, mas também se proporciona uma perspectiva das cidades sob a ótica das questões de gênero.

7 REFERÊNCIAS

AMORIM SILVA, D. (2023). Vozes presentes: *graffiti* por mulheres como resistências nos espaços públicos urbanos. *Enfoques*, v. 19, n. 1, p.67-80, ago. 2023.

FEDERICI, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (tradução Coletivo Sycorax). SP: Elefante.

FREITAS, N. *Grafitas Feministas: Espaço De Luta E Resistência Na Arte Urbana (2000-2018)*. (2019). Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9871>

FREIRE, R. S. (2018, junho). *Hip-hop feminista? Convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano*. EDUFBA/NEIM, Salvador/BA. Bahianas collection, n. 20, 212 p. <https://doi.org/10.7476/9788523218621>.

HARVEY, D. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. (tradução Jeferson Camargo). SP: Martins Fontes.

Hayden D. (1984). *Redesigning The American Dream*. Publisher.W. W. Norton & Company.

LEFEBVRE, H. (1969). *O direito à cidade*. SP: Documentos.

LIMA, C. M. S. (2021). *Risco Para Quê? - A Arte Urbana E A Produção Do Espaço Público Na Urbe Latino-Americana*. Dissertação (mestrado em geografia) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG.

MASSEY, D. (2008). *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. RJ: Bertrand Brasil.

MUNER, A. K. C. (2017, maio). *Efêmeras - a arte urbana feminista na cidade de São Paulo*. (2017). Universidade De São Paulo, São Paulo/SP.

PÉREZ TORRES, N. (2019, dezembro). Nem anônimas nem invisíveis: cidade e mulheres escritoras de graffiti. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, n. 55, p. 243–262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832019000300009>

REDE NAMI [ORG.]. (2021). *Hackeando o poder: Táticas de guerrilhas para artistas do sul global*. Rio de Janeiro/RJ: Cobogó.

VALDECIMPLES; SOUSA, T; SYEN, T; PROSSER, E; SILVA, D; APOLLONI R. *Espelho da Cidade – Reflexos a partir do graffiti de Curitiba*. Curitiba/PR: Máquina de escrever, 2014.